

ONDE NASCE A BRUTA FLOR DO SONHO: O PROJETO RONDON E A CONSTRUÇÃO DO EU E DO OUTRO EM OFICINAS DE FOTOGRAFIA

Where the blooming flower of the dream is born: the Rondon Project and the construction of self and other in photography workshops

Luiz Henrique Moreira Soares¹

João Paulo Pirolla²

Bruna da Cruz Buseti³

Bruna Fermino Pinto⁴

André Marchi⁵Aline Garcia da Silva⁶

Lorena Brito Fernandes⁷

Natanne Terumy Miasaki⁸

Mariza Fordellone Rosa Cruz⁹

Léia Regina de Souza Alcântara¹⁰

RESUMO A partir das atividades durante a “Operação Tocantins”, de 20 de janeiro a 05 de fevereiro de 2017, por estudantes e professoras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM), o presente artigo tem como objetivo analisar o processo de construção crítica do eu e do outro nas oficinas de fotografia realizadas no município de Brejinho de Nazaré (TO). Nesse sentido, pode-se observar que a problematização das formas de comunicação e expressão, apresentadas durante a Operação, influenciaram na construção/percepção do mundo, bem como produziram meios para resistência às desigualdades e o entendimento de si e do outro, em um processo de alteridade.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto Rondon, operação Tocantins, comunicação, fotografia, alteridade.

1 Acadêmico de Letras na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CJ)

2 Acadêmico de Geografia na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CCP)

3 Acadêmica de Enfermagem na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM)

4 Acadêmica de Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM)

5 Acadêmico de Agronomia na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM)

6 Acadêmica de Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM)

7 Acadêmica de Ciências Econômicas na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CCP)

8 Acadêmica de Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM)

9 Professora do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM)

10 Professora do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM)

ABSTRACT From the activities carried out during “Operação Tocantins”, from January 20 to February 5, 2017, by students and teachers from the State University of Northern Paraná (UENP/ CLM), the objective of this article is to analyze the process of critical construction of the self and the other in the photography workshops performed in the municipality of Brejinho de Nazaré (TO). In this sense, it can be observed that the problematization of the forms of communication and expression, presented during the operation, have influenced the construction /perception of the world, as well as produced means to resist the inequalities and the understanding of oneself and the other, in a process of alterity.

KEYWORDS: Rondon Project, Operação Tocantins, communication, photography, otherness.

INTRODUÇÃO: É O SOL, É A ESTRADA, É O TEMPO, É O PÉ E É O CHÃO

*Eu vi um menino correndo
Eu vi o tempo brincando ao redor
Do caminho daquele menino*

*Eu pus os meus pés no riacho
E acho que nunca os tirei
O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei.*

Caetano Veloso, in “Força estranha” (1978)

É no brejo que a bruta flor do sonho nasce. Ela renasce. É no brejo que ela rompe as camadas finas de terra e abre sua beleza para o mundo. É dessa forma que se enxerga o Projeto Rondon: uma semente plantada em solos e corações arenosos, uma semente plantada e regada para o sonho. Talvez não seja crime hediondo nos referirmos às clássicas canções de Caetano Veloso para tentar construir uma linha de entendimento, qualquer que seja, sobre a experiência do Projeto Rondon na vida de acadêmicos, professores e comunidade.

Talvez essa mesma “força estranha” que move a canção de Caetano, interpretada em 1978 na voz de Roberto Carlos, também nos tenha movido até Brejinho de Nazaré. Com um pouco mais de 5 mil habitantes, o povoamento da cidade iniciou em meados do século XIX, com a vinda do maranhense Francisco Perna, o qual fixou residência juntamente com sua atividade agropecuária. Anos depois, a filha de Francisco, Ermínia Perna casou-se com Joaquim Jerônimo Aires da Silva, que recebeu como dote, de seu sogro, uma fazenda com todos os seus pertences. Em 1885, as terras da fazenda foram vendidas ao Cel. José Aires da Silva e a casa de telha à Sabino Piloto, que conduzia botes a remo para Belém do Pará. Em uma de suas viagens, Sabino trouxe uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré, que logo foi proclamada padroeira da cidade. Fora

construída, assim, uma pequena capela em homenagem a padroeira, da qual serviam os missionários dominicanos em incursões da Igreja Católica pelo sertão. Com a morte do Cel. José Aires da Silva, em 1896, as terras foram herdadas por seu filho Diomédio Aires da Silva. Nos próximos 30 anos que se seguiram, o povoado já contava com 45 casas e aproximadamente 300 habitantes. A capela da cidade estava em estado de ruínas. Por isso, em 1922, com o auxílio de outros religiosos da região, o Frei Gregório Aleixo, frade dominicano de Porto Nacional, constrói novo templo em homenagem à santa.

Em 1927, após a morte de Diomédio Aires da Silva, as terras da fazenda foram entregues à sua esposa Dona Adelina Fernandes Aires que, em 1931, vendeu 200 alqueires à Prefeitura Municipal de Porto Nacional para a formação de seu patrimônio. A povoado foi elevado a distrito do município de Porto Nacional em 1930, tendo sido instalado somente em 1931. Por ato do Governador do Estado, em 1958, Brejinho de Nazaré foi elevado a categoria de município.

Construída sob pedras fortes da religiosidade, a cidade de Brejinho de Nazaré é banhada pelo rio Tocantins e sua área territorial chega a 1.724.450 km² (IBGE, 2016). Suas principais atividades econômicas são concentradas na extração vegetal e na silvicultura. Além disso, a cidade tem grande movimentação econômica nos setores da pecuária e de produção agrícola. (IBGE, 2016). Há 3 (três) estabelecimentos municipais de saúde que atendem a população; 8 (oito) escolas da rede pública municipal e 1 (um) colégio estadual. Não há bancos, sendo que o banco mais próximo fica em Porto Nacional, aproximadamente 45 quilômetros de Brejinho de Nazaré. Há uma igreja católica e pelo menos 15 (quinze) igrejas evangélicas. Não foi possível perceber a existência de terreiros de candomblé ou de umbanda.

E foi nessas terras tocantinenses, cheias de história e tradição, que o Projeto Rondon desembarcou pela primeira vez, em 2006. Anos depois, em 2017, a cidade recebe novamente o projeto e constrói, com a união de forças institucionais, novas histórias de esperança, desenvolvimento sustentável e sonhos. A força estranha que tanto fala na canção de Caetano seria essa necessidade do canto da experiência, não apenas como conhecimento sensível construído historicamente, mas também como prática e sabedoria, ensaio e tentativa, resistência e existência. É a possibilidade do encontro entre o tempo presente e o passado, unidos na significação de um futuro, a imortalidade da vida em grupo.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é analisar o processo de construção do eu e do outro nas oficinas de fotografias realizadas no município de Brejinho de Nazaré (TO). A problematização das formas de comunicação e expressão, apresentadas durante as oficinas influenciaram na construção/percepção do mundo, bem como produziram meios para resistência e entendimento sobre as desigualdades, de si mesmo e do outro. A partir do ponto em que se entende arte, e aqui se inclui a fotografia, como bem simbólico indispensável ao ser humano, é possível pensar na arte e na cultura como construtores de alteridade e tolerância – como ressignificadores das expressões culturais que temos da nossa sociedade.

SEÇÃO 1: um olhar fotográfico para o mundo

O ser humano sempre teve a necessidade de registrar as coisas do mundo, marcá-las na história e na memória. O crescente desejo pela representação fez com que o ser humano desenvolvesse, cada vez mais, tecnologias e mecanismos do registro do tempo e do espaço. A fotografia, portanto, criada a partir do aprimoramento dessas tecnologias, tem a característica de captar a realidade e o momento presente, bem como constituir-se como importante elemento de resguardo histórico. Tomando-a como arte, a fotografia pode desenvolver a criatividade, formular e criar expressões, construir o senso crítico. Para Silveira e Alves (2008, p.136) apud Apa (2006), a “expressão artística permite ao ser humano combinar pensamento, linguagem, afeto e intuição”, possibilitando diversas e múltiplas interações das dimensões humanas, “convergindo em uma visão mais completa do mundo no qual estamos inseridos”.

Nas palavras de Henrique José (1998), “por trás de cada fotografia deveria existir um motivo suficiente para justificá-la”. Nesse ponto, acredita-se que a fotografia necessita de inúmeras reflexões sobre as suas motivações e significados, atendendo a questão da busca consciente da observação do mundo. Já Ansel Adams, famoso fotógrafo americano, admite, em uma das suas famosas frases que a arte fotográfica tem o caráter de agregar o que há de mais humano e subjetivo. Segundo ele, “não fazemos uma foto apenas com uma câmera; ao ato de fotografar trazemos todos os livros que lemos, os filmes que vimos, a música que ouvimos, as pessoas que amamos”. O que se observa é que a arte fotográfica tem a capacidade de demonstrar o nosso olhar sobre as coisas do mundo, não necessariamente registrando a verdade sobre aquele objeto ou imagem.

A carga discursiva contida na fotografia é de extrema relevância para o entendimento da comunicação nos dias atuais. A fotografia pode ser usada como parte do conteúdo jornalístico, e também como linguagem direta e universal, capaz de sensibilizar, impactar e chamar a atenção dos leitores.

Ao pensarmos a fotografia como arte educativa, com a possibilidade de abertura dos olhares para as coisas a nossa volta, com a possibilidade de resgate da própria história e construção da visão de mundo, ela favorece a união de diversos conhecimentos e experiências, olhares, sentidos e sensações, em um processo dinâmico de expressar a criatividade e a aprendizagem. É pela arte que se possibilita a representação simbólica dos valores e conceitos dos indivíduos, exercitando a imaginação e a liberdade de expressão.

METODOLOGIA

Partindo das premissas apresentadas, uma equipe composta por duas professoras-coordenadoras e oito alunos e alunas de diversos cursos de graduação da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CLM), desenvolveram atividades referentes ao eixo do conjunto B, que abarcaram as áreas de Comunicação, Meio Ambiente, Tec-

nologia e Produção e Trabalho. O objetivo geral das ações era capacitar agentes multiplicadores e servidores municipais em todas essas áreas.

No eixo da Comunicação, as atividades desenvolvidas propuseram o conhecimento do caráter teórico-prático e da compreensão e do exercício da linguagem informativa, a produção de materiais impressos e audiovisuais, além de propiciar a interação comunitária por meio das linguagens fotográficas e jornalísticas. Desse modo, as oficinas de fotografia se estruturaram a partir do diálogo com a comunidade, como proposta de resgatar e registrar a história da cidade e os problemas enfrentados. Para isso, foi necessário o reconhecimento da realidade local, por meio de entrevistas e consulta em acervos fotográficos de municípios. A constituição histórica da cidade e do seu povo, dialoga, portanto, com a busca da identidade tocantinense e o reconhecimento de suas culturas e tradições.

Como parte das atividades da Operação Tocantins do Projeto Rondon, ocorrida entre 20 de janeiro e 05 de fevereiro de 2017, foram desenvolvidas, na cidade de Brejinho de Nazaré (TO), oficinas de fotografia para todos os públicos. Nas oficinas, o público foi de 25 pessoas, em sua maioria, crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos, além de servidores públicos e comerciantes.

Para buscar uma abordagem que atendesse a todos, procuramos desenvolver as atividades de forma mais visual, com análise e discussão de imagens. Nesse ponto, foi possível observar a associação da fotografia com seus conceitos básicos, indagando as pessoas sobre suas experiências fotográficas, suas formas de enxergar o mundo. Dividida em dois momentos, (o primeiro, de conhecimento teórico e experiencial e o segundo, da prática e da reflexão), o objetivo das oficinas era desenvolver o olhar subjetivo e crítico, aproximando as pessoas do lado artístico e pessoal da fotografia, fazendo-as refletirem sobre as imagens e paisagens de sua própria comunidade, do seu próprio bairro, de forma a atribuir-lhes novos significados.

Já no início da oficina, os alunos puderam conhecer um pouco mais sobre o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Quando apresentada as suas fotografias, os alunos demonstraram grande entusiasmo em relação à delicadeza e firmeza do olhar do fotógrafo. Ao mesmo tempo, estavam ansiosos para mostrar, também, a sua forma de ver as coisas do mundo. Uma das fotografias apresentadas causou estranhamento e intensa reflexão. Tratava-se de um dos trabalhos de Sebastião Salgado que possibilitou o registro da luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Em preto e branco, a imagem também pode ser entendida como uma importante peça no acervo histórico da luta pela terra e do entendimento sobre as desigualdades entre estados ricos e pobres e a luta pela Reforma Agrária no Brasil.



Figura 1: Trabalhadores do Movimento Sem Terra (MST) do Brasil . Salgado (1997)

Confrontados com a imagem, os alunos logo foram indagados sobre quais sentidos e significados a fotografia transmitia. Três alunos demonstraram interesse em discutir a imagem que viam, cada um deles com uma resposta diferente: o primeiro disse que a imagem mostrava “a beleza”; o segundo disse que a imagem simbolizava “a pobreza”; o terceiro, mesmo com um tom de dúvida, disse que conseguiu enxergar, pela fotografia, “a beleza da pobreza”.

Embora pareça, inicialmente, um aspecto de “romantização” da desigualdade social, a reflexão dos alunos possibilitou reconhecer como há poder na fotografia e na sua possibilidade de transmitir sentidos e mensagens distintas a quem as observa. Notou-se, nesse sentido, que os alunos apreenderam a fotografia como elemento artístico de conhecimento subjetivo do mundo, não apenas como representação do real, que foi reformulado e (re) significado a partir das suas visões.

Foi necessário, porém, demonstrar aos alunos como a fotografia está cada vez mais presente em nossas vidas, e como há determinadas técnicas para se conseguir uma boa foto. Por meio de exemplos, os alunos puderam ter contato com os elementos da linguagem fotográfica, como os planos, o foco, o movimento, a forma, o ângulo, a cor, a textura, a iluminação, as aberrações, a perspectiva, a textura, o equilíbrio e a composição, e o ponto de vista. Além disso, os alunos puderam conhecer um pouco mais sobre a estrutura das câmeras, os modelos, e sua forma de funcionamento.

Na atividade prática, os alunos foram confrontados com a seguinte pergunta: qual é a imagem que melhor representa a sua cidade? É o banco da praça? É a árvore frondosa na frente de sua escola? É a cruz de madeira na igreja matriz? Ou seria aquela casa abandonada onde todos contam lendas de terror sobre ela?

Foi possível perceber a empolgação com que procuravam os melhores lugares e como o conhecimento apreendido anteriormente norteava as suas ações e escolhas. E várias foram as imagens captadas: um passarinho no meio das flores; um senhor que caminha de bicicleta pelas ruas da cidade; a creche municipal e suas portas abertas;

os pés no chão; o sorriso da amiga tímida; o céu cinza ameaçando chuva. Todas essas imagens representam a forma com que observam o mundo – imagens intencionadas, com um olhar (re)significado.

Ao final da atividade, todos sentaram em torno da árvore em frente a escola e teceram comentários sobre a oficina. Cada um comentou sobre o que viu, sobre o que enxergaram por meio da fotografia. A mãe de uma das alunas, que veio acompanhando a filha, agradeceu pela oficina e disse que “é importante passarmos a ver as coisas de forma diferente. Além disso, eu acho que temos que ver mais as coisas, prestar atenção nos detalhes, não deixar que isso fuja do nosso olhar”, disse ela. Uma das alunas, rindo, disse que conseguiu ver a sua beleza nas fotos que a amiga fez, e isso, de certa forma, representaria um tipo de empoderamento individual por meio da arte.

RESULTADOS

No último dia de estadia na cidade, no qual foi realizada a I Feira da Lua de Brejinho de Nazaré, as fotografias foram reveladas e expostas para toda a comunidade: é a materialização do olhar de cada uma das pessoas envolvidas. Abaixo, apresentamos algumas das fotografias realizadas a partir das oficinas:



Figura 2: Cogumelos no jardim da Escola Municipal Wanda Ferreira da Cunha. Silva (2017)



Figura 3: Vista da creche do município de Brejinho de Nazaré (TO). Silva (2017)

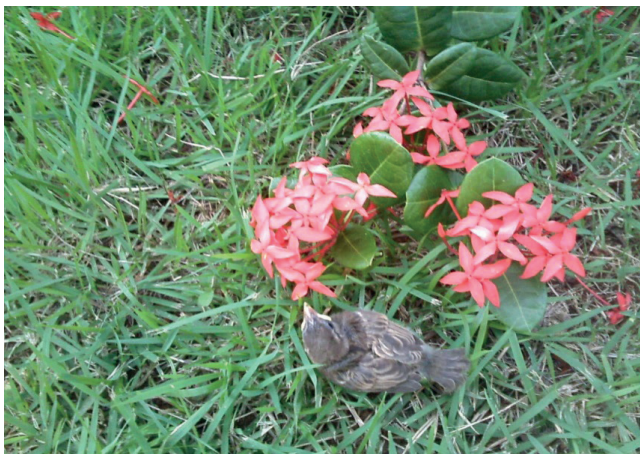


Figura 4: Um pássaro observa a flor. Silva (2017)

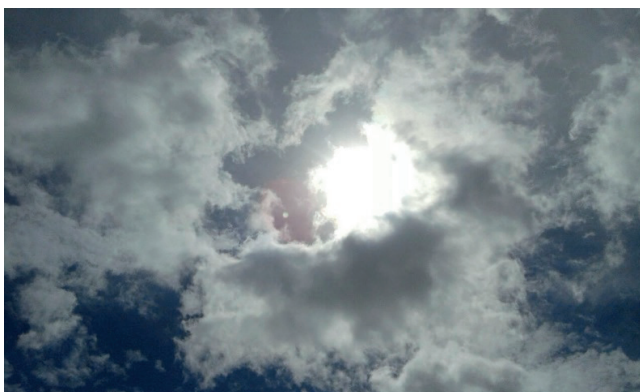


Figura 5: Vista do céu de Brejinho de Nazaré (TO). Silva (2017)

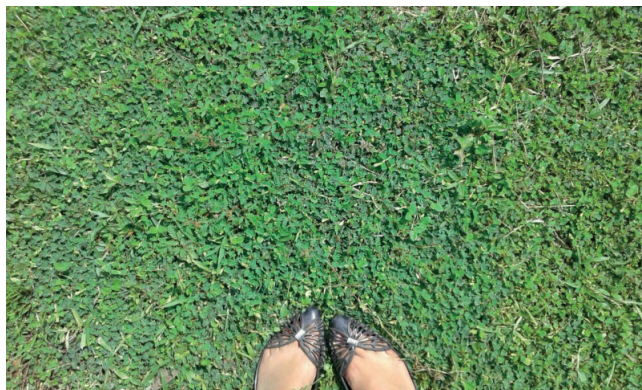


Figura 6: a simetria dos pés na terra, no mundo. Silva (2017)

Ao comentar sobre a Figura 4, Andriele Silva disse que a mensagem nela transmitida é “no fim há sempre um começo”. Possibilitar a reflexão sobre a própria atividade fotográfica foi um dos objetivos alcançados com as oficinas.

Um dos pontos principais para a construção do senso de alteridade foi, também, a elaboração e desenvolvimento do documentário sobre Brejinho de Nazaré, que ocorria concomitantemente às oficinas de fotografia. O documentário, (disponível no link https://www.youtube.com/watch?v=1m_hwdRJKes) tomou como partida a necessidade de resgatar a memória e a história, aliando-a a inserção das ações do Projeto na cidade. Por meio de entrevistas e visita aos acervos fotográficos pessoais, foi possível formarmos um panorama histórico da cidade: as festas, as lendas, as personalidades históricas, os costumes, as histórias – um passado, presente e futuro de forma ressignificada.

Percebemos, principalmente, que havia ali o desejo em manter viva a história da cidade e suas tradições. A popular Festa do Vaqueiro, por exemplo, ganhou destaque na voz do agricultor Elisney Gomes, que trouxe a memória de antigos vaqueiros para o tempo presente. Nesse sentido, as narrativas se cruzam: o presente e o passado aparecem interligados, conectados. A partir daí surge a necessidade de pensar e (re)significar o futuro, mantendo as tradições, a memória e a história vivas. Na voz do professor Jacob José de Paiva, o documentário narra a saga épica, uma história homérica da chegada da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, atravessando os rios negros do Norte e desembarcando no pequeno povoado. Do Pará ao Tocantins, a imagem da santa constituiu o cultural plano de fundo da cidade, agregando romeiros de toda a região com festejos e comemorações.

DISCUSSÃO: PARA AQUELES SONHOS QUE NÃO MORREM

Em texto publicado recentemente, na edição número 2 da Revista de Literatura da União Latina, intitulado O projeto Rondon e os sonhos que nunca morrem, foram debatidas algumas questões relacionadas à capacidade das atividades de extensão universitária mudar e (re) significar o olhar do acadêmico para o mundo à sua volta. Além de se apresentar como relato de experiência, o texto possibilita refletir sobre as ações realizadas, refletir sobre a profissão e a carreira de cada acadêmico/professor:

Nas oficinas de fotografia, a alegria e o brilho nos olhos eram envolventes. Cada criança teve a possibilidade de mostrar seu mundo e tudo o que enxergava nele através da câmera fotográfica. Muitos deles, fascinados, nunca haviam parado para observar a beleza das coisas à sua volta, a beleza contida no sorriso de um amigo, a beleza daquela casa abandonada que ninguém dava a mínima, ou a beleza da pobreza. “A pobreza também pode ser linda às vezes, né professor?”, me perguntavam. (...) é necessário mostrarmos a nossa voz, o nosso ponto de vista. É impossível esquecer o sorriso de cada uma daquelas crianças, um sorriso cheio de vida e sede de mudança. (Soares, 2017, p.40)

O que se estabelece, nesse sentido, são as trocas de saberes e experiências que as oficinas de fotografia proporcionaram: o reconhecimento da importância da construção de um ponto de vista; da construção da sua própria visão de mundo e indagação sobre os discursos e as imagens que nos rondam, atribuindo-lhes significados e sentidos.

A fotografia, nesse sentido participa da própria formação da quota de humanidade em cada homem – na necessidade de que outro não seja apenas visto como aquele que pode ser visto, mas como alguém que também vê, que também sente.

CONCLUSÃO

O compartilhamento das fotografias, em forma de varal na feira da cidade, demonstra esse compromisso com a cultura e a alteridade entre os participantes da oficina e a própria equipe do Projeto. A alteridade, nesse sentido, age como o contato direto com o olhar do outro e sua construção. Quando observamos uma fotografia, tentamos entender os sentidos possíveis que ela pode nos transmitir, nos colocamos no lugar do produtor daquela foto e vemos a sua forma de enxergar o mundo. O zoom, o recorte, o detalhe que ninguém viu, as cores quentes e frias, a sombra, a luz. É a capacidade de encontrar nesses elementos uma forma de linguagem e comunicação. A alteridade propõe comunicação, propõe conhecimento do outro. Ao conhecer o outro, também constituímos a nós mesmos, e é esse o exercício da fotografia e das oficinas ministradas. Era necessário que cada um reconhecesse e percebesse o mundo e as pessoas a sua volta; se reconhecesse como parte do mundo a sua volta, reconhecesse a sua própria história.

Acreditamos, portanto, que as oficinas de fotografia atingiram seu objetivo: construiu e despertou novas visões sobre o mundo e sobre a fotografia, no sentido de produzir um senso crítico e olhar apurado em relação às imagens e representações – e a nossa capacidade de produzir representações de mundo. Os participantes foram instigados a produzirem e refletirem sobre si mesmos e sobre o outro, plantando a semente da bruta flor do sonho.

Por isso que o menino que Caetano Veloso viu correndo na estrada, segundo a canção, corre para ele, corre para o sol e o sonho que nunca cessam. No fogo e na beleza das coisas que são.

REFERÊNCIAS

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Censo demográfico. Recuperado de <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=170370&search=tocantins|brejinho-de-nazare|infograficos:-informacoes-completas>.

José, H. (1998). Oficina de Fotografia para principiantes. Galeria Zoon de Fotografia. Recuperado de www.zoon.com.br.

Prefeitura de Brejinho de Nazaré. (2017). Histórico de Brejinho de Nazaré. Recuperado de <http://brejinhodenazare.to.gov.br/institucional/historia-do-municipio>.

SILVEIRA, L. S. da, & ALVES, J. V. (2008) O uso da fotografia na educação ambiental:

tecendo considerações. Pesquisa em educação ambiental. 3 (2), 125-146. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/pca/article/view/30056>.

SOARES, L. H. M. (2017). O Projeto Rondon e os sonhos que nunca morrem. Revista Philos, 3(2), 37-40. Recuperado de <https://revistaphilos.com/2017/02/27/o-projeto-rondon-e-os-sonhos-que-nunca-morrem-por-luiz-henrique-soares/>.

VELOSO, C. (1978). Força Estranha. Recuperado de <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44727/>

FIGURAS

Figura 1. Recuperado de <https://medium.com/tribuna-da-pluralidade/a-reforma-agr%C3%A1ria-no-brasil-163dc49088be>